



[boletim imprimível](#) | [assinatura de graça](#) | [Números anteriores](#)

disponível em [Francês](#), [Espanhol](#) e [Inglês](#)

Número 140 - Março 2009

O TEMA CENTRAL DESTA EDIÇÃO: AS VOZES DAS MULHERES SOBRE AS PLANTAÇÕES

As comunidades dos países do Sul vêm sendo afetadas pela expansão das plantações de monoculturas de árvores e as mulheres sofrem os maiores impactos. Nos últimos dois meses, o WRM e a Amigos da Terra Internacional organizaram conjuntamente três workshops com as mulheres locais: na Ásia (Papua Nova Guiné), na África (Nigéria) e na América Latina (Brasil). A razão principal por termos escolhido casos nesses países é que todos tinham algo em comum: o envolvimento direto ou indireto da União Européia na expansão das plantações.

A importância do envolvimento da UE nos três casos é que, entre os países industrializados do Norte, a União Européia é talvez a única que tem desenvolvido mais políticas sensíveis ao gênero, aplicáveis tanto em nível interno quanto externo. Foi assim percebida a necessidade de documentar a contradição entre o que dizem tais políticas de gênero e como as outras políticas da UE implicam impactos específicos nas mulheres dos países do Sul.

Obviamente o que foi encontrado também é aplicável a políticas e corporações de outros países- do Norte e do Sul- envolvidas com a promoção das plantações de monoculturas de árvores.

O WRM e o Programa de Florestas e Biodiversidade da Amigos da Terra expressam seu agradecimento a todas as mulheres que participaram dos workshops e compartilharam suas experiências conosco. Ao mesmo tempo, queremos aproveitar a oportunidade desta data simbólica- dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher- para prestarmos homenagem à coragem das inúmeras mulheres que estão lutando e fazendo que suas vozes sejam ouvidas.

NOSSA OPINIÃO

- As mulheres invisíveis tornam-se cada vez mais visíveis

A UNIÃO EUROPÉIA DESEMPODERA AS MULHERES

- As mulheres erguem suas vozes em três continentes
- Papua Nova Guiné: As mulheres contra a expansão do dendezeiro
- Nigéria: As plantações de borracha da Michelin destruíram os meios de vida das mulheres
- Brasil: As mulheres afetadas pelas plantações de eucaliptos falam alto e claro

FERRAMENTAS PARA A AÇÃO

- Um breve vídeo: As mulheres erguem suas vozes contra plantações de árvores
- Maiores informações sobre a situação das mulheres no website do WRM

NOSSA OPINIÃO

- As mulheres invisíveis tornam-se cada vez mais visíveis

No romance “O homem invisível”, o escritor H.G.Wells conta a história de um cientista que consegue tornar-se invisível e dos problemas que sofre em decorrência disso.

Na vida real, já faz muitos anos que as mulheres vêm lutando contra os problemas que sofrem pela invisibilidade social a que estão submetidas, na qual grande parte das tarefas que realizam são igualmente invisíveis e escassamente valoradas.

Se bem essa luta é diária, todo dia 8 de março- Dia Internacional da Mulher- constitui-se em uma boa oportunidade para dar maior visibilidade a essa luta.

O Programa de Florestas e Biodiversidade da Amigos da Terra Internacional e o WRM querem fazer uma contribuição nesse sentido, ao divulgarem informações sobre um dos assuntos talvez menos visíveis: os impactos diferenciados que implicam as monoculturas de árvores sobre as mulheres.

Neste boletim são detalhados os achados de três estudos desenvolvidos conjuntamente por ambas organizações em realidades tão díspares quanto as da Nigéria, Papua Nova Guiné e Brasil. Contudo, os três casos têm como denominador comum os impactos de tais plantações sobre as comunidades em geral e sobre as mulheres em particular.

Os testemunhos coletados não apenas contribuem com informações detalhadas sobre os impactos das monoculturas de eucaliptos, dendzeiros e seringueiras, senão que mostram também alguns dos piores aspectos das políticas de “desenvolvimento” impulsionadas pelos governos em benefício das corporações.

O ponto de saída de tais políticas consiste em convencer as comunidades de que são “pobres”. Não importa que a comida que comem seja abundante, saudável e nutritiva, nem que a água que bebem seja pura e cristalina, nem que as florestas providenciem uma ampla gama de bens e serviços. São pobres porque não têm dinheiro e só poderão sair da pobreza- e ser felizes- quando dispuserem de dinheiro.

Então aparecem as empresas, sob a proteção dos estados e amparadas em contextos legais, prometendo o que se supõe necessário para deixar de ser pobres: empregos, dinheiro e desenvolvimento. Não importa que pouquíssimas promessas sejam cumpridas. O que importa é que as pessoas acreditem nelas. E em particular os homens, que geralmente têm mais poder e que estarão entre os poucos “beneficiados” com um emprego. Um emprego mal remunerado, perigoso, temporário, mas que permite ter acesso ao dinheiro que se supõe que irá tirá-los da pobreza.

A comunidade até então auto-suficiente passa a integrar-se a uma economia do dinheiro e a depender quase inteiramente do dinheiro para satisfazer suas necessidades básicas; o que significa depender de uma empresa e passar a ser “escravos em sua própria terra”, como é descrito por uma mulher de Papua Nova Guiné. Tornam-se- agora sim- efetivamente pobres.

Para as mulheres, o estabelecimento das plantações não só implica maiores impactos do que para os homens, senão que também as mudanças sociais que acarretam irão desempoderá-las ainda mais diante dos homens no tocante à tomada de decisões em nível da comunidade e inclusive no próprio lar.

Em face dessa situação, o que começa a ser observado é que as mulheres começam a organizar-se e a realizar diferentes tipos de ações para reverter a situação em que elas e suas comunidades estão imersas. Conforme o caso, exigem a devolução de suas terras, a compensação pelo prejuízo causado, a restauração da floresta destruída, a suspensão das plantações, a erradicação das plantações existentes. As ações que empreendem se correspondem com suas realidades sociais e políticas, mas em todos os casos implicam riscos, porque as empresas contam com o apoio do Estado, inclusive com sua máquina repressiva.

Paradoxalmente, o desempoderamento causado pela forma de agir das empresas está começando a transformar-se em um ponto de partida de um novo empoderamento das mulheres. De ser parte invisível da comunidade passam a ter uma voz própria que se escuta cada vez mais forte.

À diferença do personagem de Wells, as mulheres invisíveis das plantações estão tornando-se- como muitas outras mulheres- cada vez mais visíveis. E isto não é um romance: é a vida real.

Programa de Florestas e Biodiversidade da Amigos da Terra Internacional Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais

[início](#)

A UNIÃO EUROPÉIA DESEMPODERA AS MULHERES

- As mulheres erguem suas vozes em três continentes

Extensas áreas de terras em que predominam ecossistemas ricos e diversos estes vêm sendo substituídos por plantações de árvores em larga escala nos países do Sul. Tais plantações- seja de eucaliptos, pinheiros, seringueiras, dendezeiros ou outras monoculturas- vêm causando sérios impactos nas comunidades locais que têm seus ecossistemas e meios de vida destruídos para abrir caminho às plantações industriais de árvores. Além de afetar as comunidades no conjunto, provocam impactos específicos e diferenciados nas mulheres, o que se traduz em seu desempoderamento.

O que a maioria das pessoas na Europa ignora é que a União Européia é um

protagonista na promoção de tais plantações nos países do Sul, e está cumprindo, portanto, um papel no desempoderamento das mulheres nos países do Sul. Apesar de a União Européia ter assinado diversos tratados e convenções e ter desenvolvido um importante volume de legislações com vistas a conseguir a igualdade de gênero na União Européia, a questão da justiça de gênero parece perder importância fora de suas fronteiras.

Os artigos que seguem são resultado de três workshops realizados no final de 2008 na Papua Nova Guiné, Nigéria e Brasil no contexto de um projeto conjunto entre a Amigos da Terra Internacional e o Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais.

No caso da Papua Nova Guiné, o workshop foi desenvolvido em colaboração com a organização local CELCOR/Amigos da Terra-PNG. Nele tratou-se a questão das plantações de dendezeiros que vêm sendo promovidas principalmente para o abastecimento do mercado europeu com óleo de dendê (usado em produtos tais como cosméticos, sabonetes, óleo vegetal e produtos alimentares) bem como para a produção de agrocombustíveis.

O segundo caso é o workshop da Nigéria- organizado em colaboração com a Environmental Rights Action/Amigos da Terra-Nigéria- que tratou a questão das plantações de seringueiras estabelecidas nas terras de uma comunidade local por parte da francesa Michelin para a produção de borracha usada na fabricação de pneus.

E finalmente, o workshop do Brasil- em colaboração com a NAT/Amigos da Terra-Brasil- tratou das plantações de eucaliptos estabelecidas por três empresas- a sueco-finlandesa Stora Enso, a Aracruz Celulose e a Votorantim- para a produção de celulose voltada à exportação para a Europa onde será transformada em papel.

O objetivo principal deste esforço colaborativo é apoiar a luta dessas e de muitas outras mulheres que enfrentam situações semelhantes nos países do Sul. Ao mesmo tempo, visamos gerar uma tomada de consciência entre os cidadãos da UE- mulheres e homens- sobre como seus governos estão promovendo políticas que favorecem os investimentos corporativos nos países do Sul e sobre como esses investimentos impactam nas comunidades em geral e nas mulheres em particular. Como resultado de uma maior conscientização, esperamos que os cidadãos da UE e suas organizações venham se unir no esforço de criar um mundo socialmente equitativo e ambientalmente sustentável- Norte e Sul- em que a justiça de gênero possa se tornar uma realidade para todos. As vozes das mulheres do Sul cada vez têm mais força.

O relatório na íntegra está disponível em:

<http://www.wrm.org.uy/subjects/women/fullreport.pdf> e a versão resumida em:

<http://www.wrm.org.uy/subjects/women/summaryreport.pdf> (ambos em inglês)

[início](#)

A produção de dendezeiros é cada vez maior na Papua Nova Guiné, um país em que 97% das terras são propriedade comunal e a maioria dos 5 milhões de habitantes ainda vive na área rural e depende da agricultura de subsistência para seu sustento. O óleo de dendê produzido é majoritariamente exportado para a União Européia, sendo o Reino Unido, a Itália e os Países Baixos os principais mercados.

Um programa em larga escala disfarçado

“Quanto maior o número de pequenos proprietários, tanto maior o lucro para as empresas. É mão-de-obra barata para as empresas”. (Mulher do povoado Kokoda)

Quase todos os dendezeiros na PNG são plantados sob o chamado Programa de Propriedades Núcleo e Pequenos Proprietários”, no qual uma empresa central-proprietária de uma extensa plantação- contrata pequenos agricultores para o abastecimento de frutos adicionais de dendezeiro. Promovido pelas Instituições Financeiras Internacionais como uma forma de “mitigar” a pobreza no país e permitir que os agricultores tenham acesso à economia do dinheiro, este programa está permitindo que o setor do agronegócio aumente seus negócios corporativos enquanto reduz os investimentos e os custos para as empresas. As corporações não precisam comprar mais terras para estabelecerem suas plantações, elas obtêm mão-de-obra barata dos pequenos proprietários, sem sindicatos de trabalhadores, e sua responsabilidade pelos impactos ecológicos das plantações esmorece.

As comunidades têm sido incentivadas a plantar “blocos” de dendezeiros em suas terras com facilidades de empréstimos para comprarem mudas, fertilizantes e agrotóxicos oferecidos pelo governo. Apesar de a média de posse de terra ser de cerca de 4 a 6 hectares de terra, os blocos ocupam dois hectares. O programa para pequenos proprietários promovido na PNG faz parte de uma plantação em larga escala em que os blocos fazem parte de um complexo formado de centenas de hectares. Estima-se que atualmente o país tenha mais de 100.000 hectares de plantações de dendezeiros.

Perda da soberania alimentar

Não apenas as terras florestais e agrícolas devem ser clareadas para deixar lugar aos dendezeiros, senão que também as terras alocadas para os blocos de dendezeiros já não podem ser usadas para a produção de alimentos, para o cultivo dos “jardins”- assim chamadas pela população local na Papua Nova Guiné.

“Por isso,nós temos terra limitada para cultivar nossos jardins e não temos mais floresta para caçar animais silvestres. A terra que temos vem sendo usada uma e outra vez e a capacidade para permitir a produção de alimentos está diminuindo. Daqui a dez anos, enfrentaremos escassez de alimentos. Na realidade, estamos vivenciando isso justamente agora mas será pior daqui a dez anos. Devido a não termos florestas sentimos a falta de proteínas em nossa alimentação”. (Mulher da aldeia Kokoda)

A dependência de uma única lavoura pode acabar criando problemas econômicos. Por exemplo, a recente queda brusca nos preços das mercadorias (inclusive do óleo

de dendê) coloca em risco as rendas futuras providas do dendezeiro.

Disputas territoriais

Mulheres de diferentes províncias manifestaram sua preocupação pelo aumento da população e a futura escassez de terras decorrente da expansão do dendezeiro. A terra, que não tinha sido um problema anteriormente- já que a densidade populacional era bastante baixa- está se transformando agora em um recurso muito escasso. Isso reflete-se claramente no aumento das disputas territoriais entre os clãs tanto internas quanto externas. Conforme o Presidente do Conselho de Mulheres de Kokoda, as disputas territoriais são atualmente um problema importante, e mais de 50% dos casos nos tribunais estão relacionados com elas.

“Grande parte das terras tem sido roubada pelo Estado e nós já quase não temos terras em nossa própria terra que é legalmente nossa por história, cultura e tradição. A empresa se apropriou das terras que são nossa herança por direito inato.” (Mulher da aldeia Kokoda)

Saúde

O uso de agrotóxicos nas plantações está poluindo rios e córregos bem como o solo e o ar, abalando a saúde da população.

“A saúde é uma enorme preocupação em nossa aldeia agora mesmo. Quando o sol esquentar os produtos químicos borrifados nas propriedades das empresas e até nas VOPs [Aldeias de Dendezeiros] nós respiramos esses produtos químicos. Estou convencida de que estamos inalando substâncias perigosas e estamos morrendo minuto a minuto. Algumas mulheres dão à luz bebês que padecem asma nos primeiros dois meses de vida. Na minha época nunca aconteceu isso. Os produtos químicos estão nos matando; todos morreremos mais cedo.” (Mulher da aldeia Saga)

O trabalho pesado que é necessário durante a colheita e o transporte dos frutos também está afetando as mulheres:

“Agora não estou colhendo meus dendezeiros devido às adversidades que tenho enfrentado já que minha propriedade está a uns 12 quilômetros da área de carregamento. É um trabalho muito pesado, primeiro levar os feixes até a margem do rio, e depois transportá-los até a outra margem sobre mangueiras de borracha. Agora, depois de 6 anos largo tudo. A maior parte do tempo ficamos doentes, agüentando cortes e machucados, em geral estamos perdendo nossa saúde devido aos trabalhos que fazemos até com tempo ruim.” (Mulher do povoado Botue)

Como as plantações de dendezeiros afetam as mulheres

As mulheres explicam como o dendezeiro reforça o controle dos homens sobre elas:

- Geralmente os homens têm mais controle do que as mulheres sobre as rendas

da produção de dendezeiros. Isso é basicamente porque as empresas dendeicultoras geralmente falam com os homens e não com as mulheres. Também porque os trabalhos melhor remunerados em uma plantação de dendezeiros são para os homens (por exemplo o corte dos enormes cachos de frutos das árvores).

- A transformação de terras agrícolas tradicionais em plantações de dendezeiros restringe o acesso das mulheres a terras para cultivar hortas fazendo com que seja mais difícil para elas providenciar alimentos para suas famílias. As hortas são importantes tanto para alimentar a família quanto para vender os alimentos aí cultivados nos mercados locais. As mulheres geralmente têm o controle da renda provinda das vendas, a diferença da renda provinda do dendezeiro que é frequentemente controlada pelos homens. Elas também perdem um momento importante para a socialização.
- Frequentemente, as mulheres só conseguem uma ínfima quantia de dinheiro que seus maridos recebem do dendezeiro, mesmo quando tenham contribuído com a produção do dendê. Muitas dizem que o dinheiro que recebem de seus maridos é apenas suficiente para comprarem alimentos para a família durante dois dias depois do dia de pagamento.
- As famílias agora têm que depender dos alimentos comprados já que há menos terras para as hortas e para a agricultura de subsistência.
- A violência doméstica tem se tornado comum no dia de pagamento- com freqüência, os homens gastam o dinheiro imprudentemente em apostas e cerveja enquanto as mulheres lutam por dinheiro para comprarem os itens básicos.

Promessas descumpridas

Promovidas como a nova panacéia para os habitantes da Papua Nova Guiné, as plantações de dendezeiros, que iriam trazer muitas melhoras, não têm cumprido com o que era esperado.

No workshop, as mulheres reclamaram que:

“O único sinal de resultados indiretos na aldeia são as lojas que foram construídas com nosso próprio dinheiro ganho do dendezeiro. Mas as lojas operam de forma ad hoc (sazonal), estão repletas durante as maiores colheitas (e altos preços) e às vezes (durante os preços baixos) não têm nenhum estoque.

Até aí chegam os serviços derivados. Outros serviços derivados como escolas, saúde e transporte em nossa aldeia são praticamente nulos. Muitas vezes nossos filhos não podem sair para a escola e perdem aulas porque a aldeia está inundada e não podem atravessá-la. Devido a isso, nós construímos nossa própria escola elementar usando chapas e madeira para que nossos filhos pudessem ter aulas sem problemas, mas o inspetor escolar disse que não tinha quantidade suficiente

de alunos. Atualmente temos menos de 30 crianças e precisamos mais para ter direito a ser uma escola elementar. É por isso que nossas crianças devem freqüentar a escola do estado de Mamba e ir até Kokoda para sua escolarização primária, o que significa uma longa distância para crianças de 5 a 7 anos de idade.”

Entre as resoluções do workshop realizado em PNG, as mulheres “unidas em uma única voz” fizeram um apelo pelo reconhecimento de seus direitos em todos os processos de tomadas de decisões e exigiram que qualquer outro desenvolvimento de dendezeiros seja detido.

[início](#)

- Nigéria: As plantações de borracha da Michelin destruíram os meios de vida das mulheres

“Não quero dinheiro. Quero que devolvam minha terra... se agora eles me derem um milhão de Naira [a moeda local], ainda estarei no vermelho, mas se eu tenho minha terra posso cultivar para cuidar da minha família e possivelmente passar as terras para meus filhos.” (Mulher de Iguoriakhi)

A transnacional francesa Michelin, um dos principais atores na produção mundial de pneus tem estabelecido bastante recentemente plantações de borracha na Nigéria.

Tudo começou no dia 29 de maio de 2007, quando mais de 3.500 hectares da Reserva Florestal de Iguobazuwa- incluindo terras agrícolas individuais e comunitárias- foram concedidas à Michelin para serem transformadas em plantações de borracha através de um acordo ilegal sem o consentimento da comunidade nem uma adequada Avaliação do Impacto Ambiental.

A reserva de Iguobazuwa abriga uma população de mais de 20.000 agricultores, 85% dos quais dependem da densa floresta para seu sustento diário. A floresta é rica em biodiversidade e inclui animais como macacos, antílopes, aulacodos (roedores tropicais), tartarugas, caracóis e aves. Iguobazuwa era também o local de cultivo de lavouras alimentícias como mandioca, inhame, banana, abacaxi, melão, milho e hortaliças tanto comestíveis quanto medicinais.

As comunidades dos arredores da floresta de Iguobazuwa são Aifesoba, Iguoriakhi, Igueihase, Ora, Amienghomwan, Ugbokun, Obaretin, Obosogbe, Okoro e Iguobazuwa. Apesar de as terras florestais pertencerem legalmente ao governo, em 1972 as comunidades obtiveram direitos sobre elas, sendo que algumas partes das florestas alocavam-se em forma rotativa aos membros da comunidade para serem usadas como terras agrícolas.

Em dezembro de 2007, a Michelin clareou com bulldôzers 3.500 hectares de florestas bem como as terras agrícolas da comunidade, sem dar qualquer compensação à comunidade afetada. Os moradores locais ficaram, da noite para o dia, com suas duas fontes de sustento- florestas e terras agrícolas- completamente destruídas. As comunidades de Iguobazuwa perderam tudo.

Em maio de 2008, a empresa começou a plantar as árvores de borracha. Mesmo que as árvores estejam ainda em estágios iniciais, as comunidades também deverão enfrentar os impactos adicionais decorrentes das próprias plantações, como mostra a experiência em muitos outros países.

“Dois anos depois da morte de meu marido, comecei a cultivar... a Michelin chegou com seu maldito buldôzer e destruiu tudo o que tinha plantado. Estava chorando... estava tentando detê-los; eles ameaçaram com empurrar-me com suas máquinas se eu não os deixasse passar.”

Mulheres agricultoras agora sem emprego...

A chegada ultrajante da Michelin à floresta de Iguobazuwa depois de 300 anos de coexistência pacífica entre as comunidades só trouxe fome, mal nutrição, doenças, pobreza, poluição do ar e da água, erosão do solo, deslocamentos sociais, aumento de vícios sociais, alteração das antigas práticas tradicionais, falta de lenha e de carne de caça.

As roças destruídas tinham produzido diversas culturas alimentícias:

Eu tinha dois acres de terras agrícolas e plantava mandioca, banana, abacaxi, mangarito e pimentão. Agora, a roça desapareceu e já não tenho nenhuma fonte de alimentos nem de meios de vida’. (Mulher da aldeia Aifesoba)

A maior parte das mulheres que compartilharam suas experiências disse que é comum que os homens preparem a terra para plantar e as mulheres tomem conta de todas as outras atividades desde a cultura até a colheita. Por isso são as mulheres as que usam a terra para o cultivo de lavouras. Agora, com suas roças destruídas, as mulheres devem tornar-se trabalhadoras de outras roças na floresta ou em aldeias vizinhas que ainda não foram afetadas pela avassaladora Michelin enquanto outras ficaram sem trabalho e famintas.

A Michelin destruiu nossas roças. Sofri com isso. As roças providenciavam alimentos para nossas famílias. Eu podia ajudar no pagamento da mensalidade da escola de meus filhos. Queremos que nos paguem por nossas lavouras e terras agrícolas. Eles deveriam deixar que nossas terras fossem nossas. Queremos que nossas terras sejam devolvidas. Nossas vidas dependem disso. Agora nós não temos emprego. Não mais folhas amargas, folhas de água nem folhas de abóbora. Meu marido tem estado sem trabalho durante anos; não podemos depender de nossos maridos para tudo. Queremos que a Michelin nos compense... o valor é muito alto para ignorá-lo. (Mulher da aldeia Aifesoba)

... e sem uns trocados

É comum que as mulheres consigam dinheiro da produção de suas roças vendida no mercado local. Por isso, o roubo de suas roças afetou seriamente as mulheres da aldeia já que muitas das responsabilidades pelo sustento da família recaem nelas, e então elas não têm outra opção a não ser recorrer a trabalhos servis a fim de sobreviverem.

Será que estas pessoas nos impulsionam a sair a roubar? Eles se apropriaram de minha terra de quatro acres e da fonte de sustento de minha família. Eles me afastaram da roça enquanto eu ainda estava trabalhando sem nenhuma explicação nem compensação. Meu marido perdeu o emprego como motorista na cidade e temos quatro filhos, que estão fora da escola por não podermos pagar as mensalidades da escola. Mulher da aldeia Aifesoba.

A maior parte das mulheres agora está envolvida na agricultura de subsistência em pequena escala dentro de suas instalações. Algumas compram as lavouras de mandiocas para processá-las e vendê-las quando amadurecem.

As mulheres que cuidam da família em problemas

Além de tomar conta do uso da água para as atividades domésticas, do fornecimento de vestimentas e da coleta de frutas e sementes, as mulheres são responsáveis pela coleta de plantas medicinais que são vitais para as práticas tradicionais das comunidades locais vinculadas com a saúde. O fato de a floresta ter desaparecido provocou que muitas mulheres devam caminhar longas distâncias- sendo a mínima de cerca de 15 km- para conseguirem ervas com as que tratam algumas doenças.

Estou grávida e doente, e não temos onde encontrar as ervas. Antes, íamos à mata e coletávamos ervas para curar todo tipo de moléstias. Você sabe que há algumas doenças que não podem ser curadas com a medicina ortodoxa; mas agora não temos acesso a elas porque a Michelin arrasou nossas florestas. Você pode ver que minhas pernas estão inchadas; à diferença de outras vezes em que engravidei, já não posso conseguir aquelas ervas que eram tão efetivas para mim. (Mulher em avançado estado de gravidez de Aifesoba)

Omo diz uma mulher de Iguoriakhi:

Só sabemos que a Michelin está causando os prejuízos. São as pessoas que nós vemos. No passado nos alimentávamos da floresta; nossa vida depende da floresta. Há muitas pessoas em minha comunidade que nem sabem onde estão os hospitais porque é a floresta a que providencia os remédios necessários.

Uma mulher de 83 anos da comunidade Iguobazuwa explica a situação da seguinte forma:

Tenho morado em Iguobazuwa durante 65 anos. Sempre ia à floresta e arrancava as ervas medicinais para tratar meus filhos quando ficavam doentes. Foi na floresta que eu consegui as folhas medicinais que tomei toda vez que engravidei.

As mulheres se levantam por seus direitos

As mulheres sabem que não há nem haverá nada de bom como resultado das atividades da Michelin em suas terras. E começam a organizar-se e a procurar apoio. Elas querem que suas terras sejam devolvidas, que suas árvores sejam replantadas, e também querem ser plenamente recompensadas por suas lavouras destruídas.

Estão decididas a empreender ações, passeatas de protesto e manifestações contra a Michelin Nigéria a fim de que suas exigências sejam cumpridas opondo-se de todas as formas às plantações de árvores em larga escala em seus territórios.

“Se eu decidisse, eu impediria que eles comprassem nossas terras para as plantações de borracha...Se eu decidisse, eu arrancaria toda a plantação de borracha com minhas mãos... Eles deveriam deixar nossas terras para nós.”

Para isso, elas precisam superar alguns problemas. Enoma Oduwa, da comunidade Iguobazuwa, diz:

No passado, tínhamos um grupo de mulheres mas agora já não existe. Esse é um dos motivos por que não podemos enfrentá-los como um grupo. Sem unidade não há resistência!

Tradicionalmente, as mulheres Iguobazuwa não têm participado de nenhuma forma de resistência, até recentemente quando algumas mulheres e alguns homens das comunidades Aifesoba e Obosogbe se engajaram em uma passeata de protesto na cidade de Benin para denunciarem as atividades da Michelin em seu município.

Mais recentemente, as mulheres têm adotado um comportamento mais assertivo para conhecer e exercer seus direitos, o valor de sua floresta e como se tornar mais ativas no processo da tomada de decisões quando estiver relacionada a práticas de bom manejo florestal em seus municípios.

Na comunidade Aifesoba, as mulheres- acompanhadas de homens- engajaram-se em uma passeata de protesto na área florestal onde os caminhões e buldôzeres da Michelin estavam cortando as árvores. Conseguiram que parassem de trabalhar em duas ocasiões; na terceira vez a Michelin conseguiu mobilizar policiais que os protegessem e intimidassem e enxotassem as pessoas da comunidade. Como resultado, algumas mulheres de outras comunidades agora receiam empreender qualquer ação para enfrentar a Michelin já que temem ser maltratadas, intimidadas ou assediadas da mesma forma em que as pessoas comunidade Aifesoba foram tratadas.

Em consequência do workshop de dois dias realizado nos dias 4 e 5 de novembro de 2008, a Michelin chamou alguns membros de duas comunidades (Aifesoba e Iguobazuwa) das nove comunidades diretamente afetadas, e pagou uma compensação. Um grupo de Iguobazuwa foi completamente recompensado enquanto a outra comunidade de Aifesoba recebeu o que eles descreveram como uns trocados já que está muito longe do tamanho da destruição e não era proporcionado com o valor das lavouras destruídas.

No final do workshop, as mulheres publicaram um comunicado em que exigem uma série de ações urgentes. Entre elas, exigem que o atual governo do Estado de Edo revise a venda da reserva florestal de Iguobazuwa, que a Michelin Nigéria devolva suas terras e replante cada árvore cortada, que haja compensações pelas lavouras destruídas, e que a invasão de suas florestas por parte da Michelin Nigéria não seja vista como um sinal de desenvolvimento e sim de empobrecimento, já que suas

vidas e meios de sobrevivência têm sido colocados em risco. Exigem também que a expansão em suas terras da floresta Iguobazuwa SEJAM DETIDAS.

Mas o que é mais importante é sua determinação para conseguir reaver suas terras.

[início](#)

- Brasil: As mulheres afetadas pelas plantações de eucaliptos falam alto e claro

O consumo mundial de papel tem estourado nos últimos 50 anos. Apenas 1/3 da produção de papel é usado na fabricação de papel para escrever e imprimir; a maior parte dela é utilizada para propaganda. E quase a metade de todo o papel produzido é utilizado para embalagens.

Para garantir os crescentes níveis de consumo de papel, vastas áreas de plantações de árvores em grande escala vêm sendo estabelecidas nos países do Sul por parte da indústria do papel e da celulose. Esta indústria está entre os maiores geradores mundiais de poluentes do ar e da água, de resíduos, e dos gases que causam a mudança climática. É também uma das maiores usuárias de matérias-primas, sendo a primeira colocada no consumo industrial de água doce e a quinta no uso de energia industrial em nível global.

País atrás de país, a terra é tomada por grandes proprietários empresariais de terras, geralmente estrangeiros; as comunidades locais são deslocadas pelas plantações de monoculturas de árvores de rápido crescimento que alimentam a indústria do papel e da celulose. As plantações causam sérios impactos sociais, ambientais e econômicos para as populações e os ecossistemas locais. Os recursos hídricos ficam esgotados e poluídos pelas plantações enquanto os solos se degradam.

As empresas européias e as agências e instituições de assistência têm um papel significativo na promoção da expansão da indústria de papel e celulose nos países do Sul. Além disso, os níveis de consumo de papel na Europa- junto com os dos Estados Unidos- estão entre os mais altos.

Alimentando os mercados europeus

Apesar de a maior parte da produção de celulose para exportação estar localizada ao longo da costa atlântica, nos últimos tempos a indústria celulósica está se espalhando mais intensivamente para a região mais ao sul, do Rio Grande do Sul, chamada de Pampa sul-rio-grandense (região de pradarias do Estado do Rio Grande do Sul). A paisagem do Pampa- caracterizada por vegetação de pradaria, em que predominam os relevos de planície e por uma vegetação mais densa, arbustiva e arbórea nas ladeiras e ao longo dos cursos d'água, além da existência de pântanos- está experimentando uma transformação extensiva e o ecossistema nativo está sendo substituído por "desertos verdes": as monoculturas de eucaliptos.

Desde 2003, as licenças ambientais para as plantações de eucaliptos vêm sendo concedidas de forma precária, descumprindo as regras e sem ter concluído o Zoneamento Ambiental para atividades de Silvicultura no Estado do Rio Grande do

Sul.

Os três protagonistas que se instalaram na região são: a Aracruz Celulose, a Votorantim Celulose e Papel e a sueco-finlandesa Stora Enso. Apesar de a Votorantim e a Aracruz serem empresas brasileiras, os mercados para seus produtos são principalmente países europeus.

Meios de sobrevivência em xeque

A expansão das atividades florestais tem levado à perda de produtividade das terras em várias regiões e colocaram em risco os meios de vida das famílias que optam por ficar nas áreas rurais. Foi necessário o uso mais intenso de fertilizantes nas lavouras familiares.

[No passado] não precisava trabalhar muito a terra, colocar adubo, e hoje tem que colocar se não, não colhe nada. Se plantava arroz porque tinha umas lagoas pequenas, açudes, onde o pessoal largava as vacas de leite para tomarem água. (...) Se tem dificuldade para plantar batata doce e mandioca, antes se tinha de um ano para o outro, agora não tem mais (Trabalhadora de Herval).

A produção leiteira familiar está ficando cada vez mais inviabilizada; devido a que a produção não é recolhida perto da propriedade, é necessário transportar o leite até locais mais distantes. A péssima condição das estradas, causada pelos caminhões da empresa plantadora, dificulta e muitas vezes até impede, a circulação do caminhão que recolhe a produção de leite.

A escassez de água é outra consequência das plantações de monoculturas de eucaliptos. Em São José do Norte a água não tem a mesma qualidade de épocas passadas e há água apenas em poucos lugares.

Em outros lugares, os eucaliptos plantados próximos às propriedades têm causado uma barreira contra o vento, que impede a circulação de ar e possibilita que as moscas se propaguem contribuindo assim a infecções e doenças.

As caturritas (*Myiopsitta monachus*) habitam geralmente nas florestas, e quando estas desapareceram as caturritas encontraram nos eucaliptos um local perfeito para construir seus ninhos nos galhos mais altos. Aí estão protegidas do ataque de inimigos naturais e podem encontrar alimento facilmente nas lavouras de milho. Os poucos produtores rurais que ainda plantam milho sofrem o ataque das caturritas, o que faz com que muitos desistam de plantar milho.

Os predadores javalis (*Sus scrofa*) reproduziram-se de forma descontrolada no RS e usam as monoculturas de eucaliptos como esconderijo e abrigo.

A vida tornou-se mais dura para as comunidades rurais. Mas não apenas para elas: muitas famílias que foram forçadas a vender suas terras para as empresas de celulose foram morar nas cidades. Lá, enfrentam condições difíceis de sobrevivência diária, pois muitas delas tem baixa escolaridade e assim fica difícil arranjar um bom emprego. Além disso, lá não podem ter hortas para a subsistência familiar. As

mulheres que vão para as cidades geralmente acabam arranjando empregos como domésticas em casas de famílias urbanas.

Aumenta a pobreza nas cidades porque estas pessoas que vendem as suas terras vão para as periferias. E vão para a cidade fazer o quê? (Trabalhadora Rural de Encruzilhada do Sul)

Quais empregos?

As plantações oferecem empregos majoritariamente para os homens enquanto as poucas oportunidades abertas às mulheres reforçam seu papel em serviços considerados inferiores e menos visíveis. As tarefas que as mulheres fazem para as empresas de celulose são praticamente insignificantes e elas só podem trabalhar como cozinheiras para os trabalhadores que plantam eucaliptos. Em Barra do Ribeiro, a única fonte de emprego que as plantações providenciam para as mulheres é o viveiro de mudas de eucalipto.

A maioria das mulheres que trabalham nos viveiros de mudas de eucalipto tem problemas de tendinite, e de lesões por esforços repetitivos. Há também sérios casos de alergias cutâneas- supostamente devido aos produtos químicos que usam.

Quando os homens saem para o trabalho nas plantações de eucaliptos, as mulheres geralmente ficam sobrecarregadas, já que devem tomar conta da família e lidar com as tradicionais tarefas domésticas sem nenhuma ajuda. As mulheres e a família ficam sozinhas por muito tempo e é preciso que as mulheres assumam as tarefas da horta.

A violência decorrente das plantações

A expansão das monoculturas de eucaliptos com a chegada de trabalhadores de fora e desconhecidos tem promovido formas de assédio sexual bem como e atitudes machistas e sexistas que criaram situações de medo e insegurança para as mulheres e suas famílias. Isso, sem dúvida, significou um retrocesso na independência e autonomia das mulheres rurais, contribuindo assim para um maior desempoderamento feminino.

Perda de identidade cultural e de tradições

Durante o workshop, um dos primeiros impactos das plantações industriais de eucaliptos relatados pelas mulheres está vinculado à perda de identidade cultural, devido a que não conseguem viver como uma família de agricultores rurais. As dificuldades são imensas, as políticas públicas não estão endereçadas aos pequenos agricultores, à agricultura familiar, à agroecologia. Essas dificuldades contribuem com o deslocamento da população rural para as cidades. Esse deslocamento, apesar de não ser devido somente ao reflorestamento- leva aos poucos à perda de identidade local. Com o êxodo das famílias desaparecem os muitos anos de conhecimento local vinculado à produção rural onde a mulher tem um rol significativo.

Após a irrupção das plantações de eucaliptos em grande escala, a alteração mais visível comentada por todas as mulheres no workshop foi a perda das plantas

medicinais do Pampa, cuja coleta fica por conta delas. A tradição de coleta da erva medicinal Macela (*Achyrocline satureioides*)- planta usada com fins digestivos- no RS já está sendo prejudicada com o avanço dos plantios de eucaliptos sobre os campos. Outras plantas medicinais, como a Espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*)- usada nos tratamentos de gastrite e úlcera-, também serão afetadas com a expansão dos eucaliptos.

Resistindo às plantações de eucaliptos

Em 2006, no Dia Internacional da Mulher, duas mil mulheres da *Via Campesina* ocuparam, antes do amanhecer, o viveiro de mudas da Aracruz Celulose, no Rio Grande do Sul. E, em uma ação relâmpago, com faixas de cor lilás sobre os rostos, destruíram milhares de mudas de eucalipto. O movimento teve como objetivo chamar a atenção da opinião pública brasileira para os impactos produzidos pelas monoculturas de eucalipto e pinheiros sobre o povo e os ecossistemas locais. Essa manifestação teve um impacto muito forte no Brasil e no resto do mundo.

Em São José do Norte, muitas famílias rurais estão “ilhadas” devido aos plantios de pinheiros e eucaliptos. Contudo, estão resistindo à venda de suas terras.

Em Encruzilhada do Sul, o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) vem desenvolvendo projetos de estratégias e resistência, visando à soberania alimentar, bem como a hortas comunitárias. Também foram promovidos debates na comunidade a fim de esclarecer a problemática das monoculturas do eucalipto.

A participação das mulheres em ações de resistência que objetivam a reforma agrária, a soberania alimentar, a manutenção das famílias nas áreas rurais tem alterado sua posição ou funções na comunidade. As mulheres passaram de ser invisíveis a ser visíveis, principalmente por meio da ação direta feita no viveiro de mudas da Aracruz, no município de Barra do Ribeiro, em 2006. No ano de 2008, e de novo no quadro do Dia Internacional da Mulher, 900 mulheres, integrantes da Via Campesina no Rio Grande do Sul ocuparam 2100 hectares de plantações de monoculturas de eucaliptos que pertencem à companhia transnacional sueco-finlandesa Stora Enso, na área de fronteira com o Uruguai. As mulheres cortaram os eucaliptos e os substituíram com árvores nativas. A polícia atacou violentamente a manifestação.

Em cada lugar, as empresas plantadoras tentam atrapalhar a luta contra as monoculturas de eucaliptos ao interferirem na vida e atividades locais estão envolvidas em criar uma boa imagem institucional de responsabilidade social:

Essas empresas parecem um imenso polvo, com tentáculos em todos os campos da sociedade. (Pescadora de São José do Norte).

As mulheres estão sendo protagonistas na luta contra o avanço das monoculturas de árvores. Elas têm o potencial de fazer com que “o novo aconteça”. A unificação da ação das mulheres da cidade com as mulheres do campo irá fortalecer a luta contra o avanço dos mega- projetos das empresas de celulose e papel sobre o Pampa gaúcho.

FERRAMENTAS PARA A AÇÃO

- Um breve vídeo: As mulheres erguem suas vozes contra plantações de árvores

Se, após ler os artigos anteriores, você (como uma mulher pertencente a uma organização, como um membro de um movimento de mulheres, como uma ativista das questões de direitos humanos, como uma ambientalista, como uma jornalista, como um membro de uma associação de consumo, como uma ativista militante de questões do clima, comércio, saúde, etc.) está se perguntando o que pode fazer para encetar mudanças na situação atual, nós temos algumas idéias que esperamos que possam ser úteis.

Com essa finalidade desenvolvemos uma ferramenta áudio-visual que sintetiza os achados dos estudos de caso resumidos neste boletim e que explica os motivos de como e por que isso está acontecendo. O vídeo, intitulado "Women raise their voices against tree plantations. Testimonies from Brazil, Nigeria and Papua New Guinea" (As mulheres erguem suas vozes contra plantações de árvores. Testemunhos desde o Brasil, a Nigéria e a Papua Nova Guiné), pode ser acessado em: http://www.wrm.org.uy/Videos/Women_Voices.html

As informações apresentadas no vídeo são complementadas com um resumo do relatório na íntegra que contém os achados dos workshops. O resumo pode ser acessado em: <http://www.wrm.org.uy/subjects/women/summaryreport.pdf>

Há muitas coisas que você pode fazer com essa ferramenta. Algumas sugestões para a ação são:

- Se você faz parte de uma organização, você pode convidar seus membros para assistirem e discutirem o vídeo
- Se sua organização têm website ou blog, você pode postar o vídeo e as informações
- Você pode enviar o material a seus representantes do governo
- Você pode organizar sessões de vídeo com seus amigos e discutirem os achados
- Você pode simplesmente enviar o vídeo a seus amigos através do e-mail
- Você pode enviar o vídeo a organizações de mulheres locais, nacionais e internacionais
- Você pode divulgar o vídeo através de suas listas de endereços eletrônicos
- Você pode enviar o vídeo à mídia local
- Você pode traduzir o vídeo para sua língua

[início](#)

- Maiores informações sobre a situação das mulheres no website do WRM

O WRM tem uma seção especial intitulada "Mulheres, Florestas e Plantações" em seu website, que pode ser acessada (em espanhol) em

<http://www.wrm.org.uy/temas/mujeres.html>

A seção inclui um relatório sobre “O papel da União Européia no desempoderamento das mulheres nos países do Sul através da transformação dos ecossistemas em plantações de árvores”. O relatório, publicado em março de 2009, sintetiza os resultados de três workshops sobre os impactos das plantações nas mulheres realizados na Nigéria (seringueiras), Papua Nova Guiné (dendezeiros) e no Brasil (eucaliptos).

<http://www.wrm.org.uy/subjects/women/fullreport.pdf> (em inglês)

A seção também contém duas publicações focalizadas nos impactos de diferentes tipos de plantações sobre as mulheres:

- “Mujeres, Comunidades y Plantaciones en Ecuador. Testimonios sobre un modelo forestal social y ambientalmente destructivo”. Ivonne Ramos e Nathalia Bonilla, outubro de 2008. (em espanhol)

http://www.wrm.org.uy/paises/Ecuador/Libro_Mujeres.html

Mulheres e Eucaliptos. Histórias de vida e resistência. Impactos das monoculturas de eucaliptos sobre as mulheres indígenas e quilombola no Estado do Espírito Santo, Brasil. Gilsa Helena Barcellos e Simone Batista Ferreira, novembro de 2007

http://www.wrm.org.uy/paises/Brasil/Libro_Mulheres.html

Além disso, inclui todos os artigos publicados ao longo do tempo sobre esta problemática no boletim do WRM bem como o livro “Mulheres, florestas e plantações: uma dimensão de gênero”, publicado em 2005. (em espanhol)

<http://www.wrm.org.uy/temas/mujer/libro.html>

[início](#)

Boletim Mensual do Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais
Este boletim também está disponível em francês, espanhol e inglês
Editor: Ricardo Carrere
Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais

Maldonado 1858 - 11200 Montevideo - Uruguay
tel: 598 2 413 2989 / fax: 598 2 410 0985
wrm@wrm.org.uy
<http://www.wrm.org.uy>

